

## TRABALHO DOMÉSTICO EM PELOTAS: CONSTRUINDO AÇÕES PARTICIPATIVAS PARA VISIBILIZAR A PROFISSÃO

SIMONE FERNANDES MATHIAS<sup>1</sup>; MARTA BONOW RODRIGUES<sup>2</sup>; LOUISE PRADO ALFONSO<sup>3</sup>; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Antropologia e Arqueologia/ICH/UFPEL – [simonefernandezpel@gmail.com](mailto:simonefernandezpel@gmail.com)

<sup>2</sup>Departamento de Antropologia e Arqueologia/ICH/UFPEL – [martabonow@gmail.com](mailto:martabonow@gmail.com)

<sup>3</sup>Departamento de Antropologia e Arqueologia/ICH/UFPEL – [louise\\_alfonso@yahoo.com.br](mailto:louise_alfonso@yahoo.com.br)

<sup>4</sup>Departamento de Antropologia e Arqueologia/ICH/UFPEL – [riethuf@uol.com.br](mailto:riethuf@uol.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O texto traz alguns resultados do projeto “O trabalho doméstico entre o passado e o presente”, fruto de uma parceria entre o Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), o Museu de Arqueologia e Antropologia (MUARAN- UFPEL) e Sindicato das/os Trabalhadoras/os Domésticas/os de Pelotas. A proposta do Museu é contemplar grupos que comumente não estão representados nas instituições tradicionais, de maneira participativa, utilizando os preceitos da sociomuseologia (MOUTINHO, 2007 e 2008; ALFONSO, 2012, CHAGAS, 1994 e 2009), a qual objetiva pensar as entidades em uma construção conjunta com diversos segmentos da sociedade. Hoje o projeto é vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) da UFPEL, que se trata do principal criador e executor das ações.

Os primeiros eventos realizados no âmbito do projeto foram duas oficinas, desenvolvidas em 2014. Os resultados aqui apresentados são oriundos especialmente da segunda oficina, pensada para avaliação da primeira, para retomar alguns pontos principais do debate pelas trabalhadoras domésticas, encaminhar o desenvolvimento de uma exposição itinerante e a criação de uma logomarca para o projeto. Dentro dos debates do GEEUR, temos resultados importantes no campo da antropologia para refletirmos sobre o universo das trabalhadoras domésticas em Pelotas.

A primeira oficina<sup>1</sup>, ainda sob a responsabilidade do MUARAN, levou a discussões sobre o trabalho doméstico da escravidão a suas permanências na atualidade; a partir de um trabalho conjunto entre pesquisadoras do GEEUR e trabalhadoras domésticas, o principal resultado dessa primeira oficina foi refletir sobre a profissão e pensar em como dar visibilidade a esse trabalho em Pelotas (RODRIGUES, RIETH e ALFONSO, 2016). Para tanto, optou-se por fazer uma exposição itinerante por meio de cinco banners<sup>2</sup> que versam sobre os resultados desse debate.

Da mesma maneira, durante a primeira oficina foi proposta a criação de uma logomarca para esse projeto. Essa logomarca<sup>3</sup> foi pensada a partir das indicações das trabalhadoras e deveria representar todas as mulheres desse universo, atentando para artefatos de uso cotidiano no trabalho doméstico (RODRIGUES, RIETH e ALFONSO, 2016). É importante salientar que há uma atenção especial para os objetos de uso diário, visto que fazem parte de um mundo material e que, segundo Thomas (1999), estão em todas as relações sociais, dando sentido e conduzindo as vidas diárias.

<sup>1</sup> A primeira oficina foi realizada no âmbito da criação do MUARAN, em conjunto com Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas e com o GEEUR, em 21/10/2014.

<sup>2</sup> Os banners foram indicados na primeira oficina, porém foram construídos durante a segunda.

<sup>3</sup> Logomarca que teve sua arte confeccionada pela graduanda Simone Ortiz (Antropologia – UFPEL)

Para a segunda oficina<sup>4</sup>, foco deste texto, a confecção e finalização dos banners e da logomarca foram os pontos principais para o debate – por meio dos temas levantados pelas trabalhadoras, envolvendo afetividade e relações profissionais -, uma vez que foi a partir desses elementos que se pensou em como dar visibilidade à profissão, na tentativa de diminuir as marcas negativas que ela carrega ao longo do tempo.

Muitos estigmas da atividade são frutos, em larga medida, de contextos passados, tanto escravistas, quanto do pós-abolição, quando havia normas e leis que regiam os comportamentos e condutas de trabalhadoras/es (COSTA, 2013; RODRIGUES, 2015). Essas heranças podem influenciar diretamente a vida das trabalhadoras e os aspectos afetivos e profissionais da atividade.

As fronteiras entre trabalho e afeto, um dos pontos principais das discussões com as trabalhadoras ainda na primeira oficina, são permeáveis e comumente são ultrapassadas. Em algumas situações, as trabalhadoras acabam envolvidas emocionalmente com a família para a qual prestam serviço. Quando ocorre uma situação de impossibilidade para a atividade, como problemas de saúde da trabalhadora ou sua família, ou extensão para além das 8 horas da jornada de trabalho, a efetivação dos direitos trabalhistas passa a ser um problema. Pensar a trabalhadora doméstica como uma “cuidadora” e não mais uma empregada que trata de limpar a casa, pode ser uma maneira de tentar reduzir os estigmas dessa profissão, muito associada à “sujeira”, ao que se quer invisibilizar (BRITES, 2007; BRITES e FONSECA, 2014).

Todos esses aspectos de trabalho e afeto, antigos e atuais, agregados à luta trabalhista dessa classe, estão presentes nos banners para a exposição itinerante e na composição da logomarca, que é a própria representação imagética de como essas mulheres se compreendem.

## 2. METODOLOGIA

Na segunda oficina, foi realizada apresentação de imagens e textos que seriam utilizados nos cinco banners, assim como os primeiros modelos para esses banners. Além dos banners, foram expostos os primeiros esboços da logomarca, com a utilização de imagem representativa em desenho de uma trabalhadora doméstica com vários elementos materiais que a acompanham no cotidiano.

Essa oficina teve a duração aproximada de quatro horas e seu resultado foi a finalização dos banners a serem encaminhados para impressão<sup>5</sup> e preparados para a exposição itinerante, além da composição definitiva da logomarca, com todos os elementos inseridos a partir da indicação das próprias trabalhadoras.

Ainda, para essa oficina, foi realizada uma pesquisa bibliográfica específica para a confecção dos textos para os banners, da mesma forma como tem sido feita para o projeto em geral. Essas referências foram incorporadas nas discussões do projeto de extensão, que hoje conta com um grupo de estudos para tratar da temática. Esse grupo tem realizado, também, entrevistas com trabalhadoras, muitas pensadas a partir dos textos propostos e debatidos durante o planejamento dos banners. As entrevistas são feitas dentro do conceito do

<sup>4</sup> A segunda oficina foi ministrada pelasicineiras Marta Bonow Rodrigues (Mestranda em Antropologia – Área de Concentração em Arqueologia/UFPEL), Louise Prado Alfonso (Pós-Doutoranda em Arqueologia – UFPEL), Flávia Maria Silva Rieth (Profª Drª Antropologia/UFPEL), Liza Bilhalva Martins da Silva (MSc. Profª Antropologia/UFPEL).

<sup>5</sup> Os banners foram a materialização das discussões nas duas oficinas e a exposição itinerante ocorreu em 2015; os locais escolhidos foram o Sindicato dos/as Trabalhadores/as Domésticos/as, o calçadão e o Mercado Público de Pelotas, além do Instituto de Ciências Humanas/ICH da UFPEL.

método etnográfico, em que há observação e participação do cotidiano dessas trabalhadoras.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio das discussões entreicineiras e trabalhadoras, surgiram as temáticas dos banners: “O trabalho doméstico no museu”; “O trabalho doméstico na história de Pelotas”; “O trabalho doméstico: a luta e o Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas”; “O trabalho doméstico na atualidade”; “O trabalho doméstico: direitos e cuidados na família”; “O trabalho doméstico: outras vozes” (depoimentos das trabalhadoras).

Cada um dos banners aponta para importantes questões que permeiam o cotidiano dessas mulheres trabalhadoras, tanto nos dias de hoje como no passado de Pelotas, indicando as relações sociais, afetivas, econômicas e políticas. Todos os textos partiram dos debates gerados na primeira oficina e foram elaborados de forma participativa, com as trabalhadoras relatando quais as falas deveriam estar presentes, bem como as imagens que melhor representariam o trabalho doméstico.

Um pedido especial das trabalhadoras no banner sobre a história da profissão foi a inclusão de uma fotografia de uma ama-de-leite negra carregando uma criança branca às costas<sup>6</sup>, à moda africana. Apesar de esta imagem ter sido feita na Bahia em 1870, as trabalhadoras de Pelotas tiveram uma identificação muito forte com essa ama-de-leite, pois representa, ao mesmo tempo, as relações de afeto e de trabalho, que permeiam o universo do trabalho doméstico atual. Esse trabalho da mulher presente na imagem é gerado por meio da mão-de-obra escravizada, porém, por se tratar de laços de intimidade com a criança, possibilita pensar nas afetividades geradas a partir desses laços.

Os outros banners, que tratam da atualidade, apresentam as relações entre trabalhadoras e o MUARAN, no âmbito de sua criação; ainda, abarcam os percursos do trabalho doméstico em Pelotas, com relatos da vida diária das trabalhadoras abrangendo as questões de afeto e as questões da legalização e normativas do trabalho doméstico.

Um ponto importante dessa oficina foi a finalização da logomarca, a qual, a pedido das trabalhadoras, deveria ser a imagem de uma mulher cuja pele tivesse todas as cores possíveis, representando a pluralidade de pessoas envolvidas na profissão. Objetos que definem o dia-a-dia da atividade deveriam estar presentes na imagem: balde, luvas, uniforme e lenço para proteção do cabelo. As cores dos elementos também foram indicadas por essas mulheres. O uniforme é lilás, pois há um forte vínculo das trabalhadoras com a luta feminista, especialmente o Movimento das Mulheres Negras. A mão da mulher na imagem está com punho cerrado, levantada, em clara demonstração de empoderamento.

As discussões desse segundo encontro abarcaram, não só a elaboração dos banners e da logomarca em si, como as relações de trabalho e de afeto entre essas mulheres e as famílias para as quais elas prestam ou prestaram serviço. Essas relações são por vezes confusas, pela intimidade que caracteriza a profissão: a trabalhadora está dentro da casa da família para a qual presta serviço, observando e participando do seu cotidiano, criando vínculos que, em muitos casos, são impedimentos para que as ações legais trabalhistas sejam levadas a termo.

<sup>6</sup> Imagem de uma escrava intitulada “NEGRA COM UMA CRIANÇA BRANCA NAS COSTAS – BAHIA, 1870”.

(Acervo Instituto Moreira Salles - fonte: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/.../10-raras-fotos-de-e...>)

Todos esses debates estão presentes nos banners e, também, na logomarca, elementos que estão sendo fundamentais para dar visibilidade ao trabalho doméstico em Pelotas, seja por meio das exposições, seja em palestras e outros eventos nos quais o esse projeto de extensão se faz presente.

#### 4. CONCLUSÕES

A oficina para elaboração da logomarca e dos banners foi de extrema importância para que ações participativas se efetivassem de fato. Trazer as demandas das trabalhadoras, a partir de suas próprias falas e anseios, configura uma eficácia da aplicação dos conceitos de construções participativas.

A aproximação entre pesquisa e extensão é um caminho para que ocorram as mudanças necessárias na visibilização e na minimização dos estigmas do trabalho doméstico e a exposição itinerante, fruto das oficinas, foi um dos elementos que auxiliaram nesse processo.

Sem os diálogos de pesquisadoras/es e comunidade não seria possível compreender as demandas das trabalhadoras domésticas e suas percepções a partir de suas próprias experiências.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSO, L. P. **Arqueologia e Turismo: sustentabilidade e inclusão social**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – MAE, USP, São Paulo, 2012.
- Brites, J.; FONSECA, C. Cuidados profesionales en el espacio doméstico: algunas reflexiones desde Brasil - Diálogo entre J. Brites y C. Fonseca. **R. de C. Sociales**. Facultad Latinoam. de C. Sociales. n. 50, Quito, sep/2014, pp.163-174.
- Brites, J. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu** (29), jul-dez/2007. pp. 91-109.
- CHAGAS, M. Novos Rumos da Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, n.2. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. 1994.
- CHAGAS, M. O Campo de Atuação da Museologia. **Cad. de Sociomuseologia: C. de E. de Sociomuseologia**, América do Norte, 2, Maio/2009. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/533/436>>. Acesso em 14/02/2012.
- COSTA, Ana Paula do A. **Criados de servir: estratégias de sobrevivência na cidade do Rio Grande (1880 – 1894)**. Pelotas: UFPEL – Programa de Pós-Graduação em História (Dissertação de Mestrado), 2013.
- MOUTINHO, M. Definição evolutiva de Sociomuseologia. **XIII Atelier Internacional do MINOM**, Setembro. Lisboa: Lisboa Setúbal, 2007.
- MOUTINHO, M. Os Museus como instituições prestadoras de serviços. **Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias**, n.12, 2008.
- RODRIGUES, Marta B. **“A vida é um jogo para quem tem ancas”**: uma arqueologia documental sobre mulheres escravas domésticas em Pelotas/RS no século XIX. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Pelotas, UFPEL, 2015.
- RODRIGUES, Marta B.; RIETH, Flávia M. S.; ALFONSO, Louise, P. **Trabalhadoras domésticas em Pelotas: ações participativas fomentando debates para visibilizar a profissão - do passado escravista à atualidade**. UFPEl, 2016. (NO PRELO).
- THOMAS, Julian. A materialidade e o social. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, suplemento 3, 1999. pp. 15-20.